

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação da Escola Superior de Coimbra

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Vamos brincar e aprender

Micaela Teorgas Azevedo Martins

Coimbra, 2015

Micaela Teorgas Azevedo Martins

RELATÓRIO FINAL

Vamos brincar e aprender

Dissertação de Mestrado/Trabalho de projeto/Relatório de Estágio em Educação Pré-Escolar, apresentada ao Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Prof. Doutor(a) Ana Coelho

Arguente: Prof. Doutor(a) Sílvia Parreiral

Orientador: Prof. Doutor(a) Vera do Vale

Data da realização da Prova Pública: 26, novembro de 2015

Classificação: 12

Novembro, 2015

Agradecimentos

Ciente de que todo o trabalho não se poderia ter concretizado com sucesso sem o apoio e dedicação daqueles que nos rodeiam, decidi fazer um agradecimento especial.

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, pelo facto de me terem apoiado na escolha do meu curso e em tudo o que isso implicou. Por serem o meu suporte não só financeiro, como emocional e afectivo.

Ao meu irmão que, muitas vezes, mesmo sem querer e sem saber, me deu ânimo e alegria para continuar.

Ao meu namorado, por estar ao meu lado dando forças e por toda a paciência e compreensão ao longo do percurso.

Às minhas amigas, companheiras deste meu longo percurso, não só de mestrado mas também de toda a licenciatura, pela partilha de emoções, de saberes, pela amizade, pela disponibilidade, pela preocupação e onde também encontrei forças e apoio.

A todos os docentes do Mestrado de Educação Pré-Escolar, pela transmissão de saberes e disponibilidade para a resolução de diferentes questões.

À Professora Doutora Vera do Vale, que ao longo de todas as aulas de apoio e das horas dispensadas fora deste contexto, transmitiu conhecimentos essenciais para a realização do projeto de estágio bem como de todas as tarefas propostas na unidade.

Ainda neste seguimento, agradeço às educadoras cooperantes e auxiliares assim como restantes funcionários das instituições de estágio, pela forma como nos receberam, por todo o apoio prestado, e por toda a sua disponibilidade ao longo de todo o processo.

Sem esquecer de todos as crianças por todo o carinho e cooperação durante esta experiência.

A todas as pessoas que estiveram sempre do meu lado, os que me ajudaram e sempre me apoiaram a perseguir o meu sonho.

O meu muito obrigada.

Vamos brincar e aprender

Resumo: O presente relatório, realizado no âmbito da unidade curricular Prática Educativa tem como finalidade a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

O mesmo apresenta uma abordagem reflexiva das aprendizagens mais significativas, resultantes da experiência de estágio no ano letivo de 2014/2015, nos contextos de creche e jardim de infância. O principal objetivo do relatório apresentado é comunicar, de forma crítica e reflexiva, as práticas desenvolvidas, as vivências e as aprendizagens realizadas durante o período de estágio.

O presente documento encontra-se dividido em duas partes. Na primeira parte é apresentada uma caracterização das instituições onde se realizaram os estágios particularmente da relação com a família e a comunidade, da organização do tempo e do espaço, da equipa educativa, das práticas pedagógicas, da avaliação, e da caracterização do grupo, bem como o itinerário formativo associado aos mesmos em creche e do jardim de infância. Em torno destes dois contextos, numa segunda parte do documento, são apresentadas 5 experiências-chave.

A prática supervisionada contribuiu para a minha formação pessoal, académica, científica e pedagógica, pois permitiu observar, experimentar e acima de tudo refletir.

Palavras-chave: Brincar, Espaço exterior, Abordagem Mosaico, Trabalho por projeto.

Let's play and learn

Abstract: This report, carried out under the Educational Practice course aims to the degree of Master of Preschool Education

The same presents a reflective approach to more meaningful learning, resulting from the internship experience in the academic year 2014/2015 in day care settings and kindergarten. The main objective of the presented report is to communicate, so critical and reflective, developed practices, experiences and learning acquired during the training period.

This document is divided into two parts. In the first part presents a characterization of the institutions where they performed the stages particularly the relationship with family and community, the organization of time and space, the school team, pedagogical practices, evaluation, and characterization of the group as well as the formation process associated with them in day care and kindergarten. Around these two contexts, a second part of the document, are displayed 5 key experiments.

The supervised practice contributed to my personal, academic, scientific and pedagogical training, as allowed to observe, experience and above all reflect.

Keywords: Play, outdoor space, Mosaic Approach, work by project,

Sumário

INTRODUÇÃO	9
PARTE I – CONTEXTUALIZAÇÃO E ITINERÁRIO FORMATIVO	13
CAPÍTULO 1 - CONTEXTO EDUCATIVO EM CRECHE	15
1.1 Caracterização da Instituição	15
1.1.1 Pedagogia e objectivos da instituição	15
1.1.2 Relação com a família e comunidade	17
1.1.3 Organização do Tempo e do Espaço	17
1.1.4 Equipa Educativa	17
1.1.5 Avaliação	18
1.2 Caracterização do grupo	18
1.2.1 Organização do tempo e do espaço	19
1.2.2 Estratégias utilizadas pela Educadora Cooperante	20
CAPÍTULO 2 – ITINERÁRIO FORMATIVO	21
2.1 Observação do contexto educativo	21
2.2 Entrada progressiva na atuação prática	21
CAPÍTULO 3 – CONTEXTO EDUCATIVO EM JARDIM DE INFÂNCIA	24
3.1 Caracterização da Instituição	24
3.1.1 Relação instituição pais e comunidade	24
3.1.2 Equipa Educativa	24
3.1.3 Estruturação do tempo e do espaço	25
3.1.4 Avaliação	25
3.2 Caracterização do Grupo	26
3.2.1 Ambiente Educativo	28
CAPÍTULO 4 – ITINERÁRIO FORMATIVO	29
4.1 Observação do contexto educativo	29
4.2 Entrada Progressiva na atuação prática	29
4.3 Projeto	30
PARTE II – 5 EXPERIÊNCIAS-CHAVE	33

1. O brincar	35
2. Educação Experiencial	38
3. Espaços Exteriores	40
4. Abordagem de projeto	43
5. Abordagem de Mosaico (estudo)	47
5.1 – Enquadramento conceptual	47
5.2 – Objetivos do estudo	49
5.3 – Escolha dos Participantes	49
5.4 - Fase de recolha, reflexão e tratamento de dados	50
5.5 – Apresentação dos resultados	51
5.6 – Conclusão do estudo	52
CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS Bibliográficas	57
APÊNDICES	59

Abreviaturas

ESEC – Escola Superior de Educação de Coimbra

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

IP – Intervenção Precoce

CE – Componente Educativa

CAF – Componente de Apoio à Família

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

JI – Jardim de Infância

HPC – Hospital Pediátrico de Coimbra

SNIPI – Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância

INTRODUÇÃO

O presente relatório final de estágio, que aqui se apresenta, foi realizado no âmbito da unidade curricular de Prática Educativa, do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Coimbra, para a obtenção do grau de mestre.

Este tem como finalidade relatar experiências de formação realizadas no âmbito de dois contextos de estágio, creche e jardim de infância.

O relatório encontra-se dividido em duas partes, sendo a primeira dedicada à contextualização e itinerário formativo e a segunda às experiências chave, evidenciando o percurso vivido nos dois contextos.

Mais pormenorizadamente a primeira parte encontra-se dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo refere-se ao contexto educativo em creche. O segundo capítulo relata o itinerário formativo do contexto em creche. O terceiro capítulo é dedicado ao contexto educativo em jardim de infância e por fim no quarto capítulo encontra-se o itinerário formativo do contexto em jardim de infância.

Na segunda parte são apresentadas cinco experiências chave, as quais reconheci como mais importantes no decorrer dos estágios. Duas relacionadas com o contexto de creche, outras duas alusivas ao contexto de jardim de infância e por fim uma referente à abordagem de mosaico.

Por último, apresenta-se uma reflexão final acerca dos estágios vivenciados e das aprendizagens realizadas.

Atribuí o título “Vamos brincar e aprender”, pois o brincar é um acto inerente à criança, e através do mesmo a criança desenvolve-se, explora o mundo que a rodeia, faz as suas aprendizagens, as quais se tornam mais vinculativas pois a criança encontra-se implicada na brincadeira.

PARTE I – CONTEXTUALIZAÇÃO E ITINERÁRIO FORMATIVO

CAPÍTULO 1 - CONTEXTO EDUCATIVO EM CRECHE

1.1 Caracterização da Instituição

A instituição onde decorreu o estágio é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) e situa-se na zona alta de Coimbra, com valências de creche e de jardim de infância.

Esta tem como objetivo a implementação de todas as ações relacionadas com a Intervenção Precoce (IP), destinadas a crianças, dos 0 aos 6 anos, com necessidades especiais e suas famílias, nas suas vertentes assistenciais, de formação, apoio social, investigação e divulgação de boas práticas. Ao mesmo tempo procura desenvolver atividades relacionadas com o suporte das famílias e crianças em IP, promovendo desta forma a sua capacitação e envolvimento.¹

Trata-se de um espaço inclusivo, acolhendo crianças independentemente das suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas e outras.

Na instituição estão inseridos seis grupos de crianças, oriundos de famílias pertencentes à classe média/média-alta. Estes seis grupos encontram-se então distribuídos da seguinte forma: berçário, grupo de 1 ano, grupo de 2 anos, grupos de 3, 4 e 5 anos.

A instituição tem ainda como espaço envolvente um bom recurso educativo devido à variedade de ofertas, desde espaços naturais a espaços culturais.

1.1.1 Pedagogia e objectivos da instituição

Quanto à pedagogia utilizada a instituição preza por três pilares.

No primeiro pilar, a exploração do exterior, tendo como ponto de partida a compreensão do espaço exterior como portador de experiências ricas e significativas para o desenvolvimento das crianças. Segundo Bilton (2010), o espaço exterior fornece oportunidades para que a criança se movimente de forma livre, utilizando corpo e movimento para aprender. As aprendizagens no exterior extravasam o

¹ Informação retirada do Projeto Educativo de Estabelecimento

domínio da motricidade, mobilizando-se também competências sociais, cognitivas e emocionais.

O contato com a natureza envolve também outra valência que importa enfatizar, a educação ambiental.

Encontra-se então no segundo pilar, o brincar, uma ferramenta primordial no processo de desenvolvimento e crescimento da criança, algo que potencia o desenvolvimento holístico da criança. Através do brincar a criança conhece o que a rodeia e vai construindo conceitos acerca do meio envolvente, facultando-lhes ferramentas para o desenvolvimento das suas diferentes competências.

Por último no terceiro pilar tem-se a educação estética. Esta é uma educação para os sentidos, que permite coordenar os diversos modos de percepção e sensação, entre si e em relação ao meio envolvente, possibilitando a expressão dos sentimentos.

No que se refere aos objectivos a instituição refere os seguintes: criar um ambiente estimulante e seguro, física e efectivamente, onde a criança se sinta feliz, com oportunidades para experiências e vivências diversificadas; promover o desenvolvimento integral da criança, proporcionando experiências que estimulem a coordenação motora, o desenvolvimento sensorial e cognitivo, a função simbólica e a linguagem; encorajar a criança, gradualmente, a desenvolver a sua capacidade de estar com os outros e explorar o ambiente educativo; ajudar progressivamente a criança a conhecer-se a si própria e a aceitar-se tal como é, fortalecendo a sua autoestima; desenvolver sentimentos de pertença a um grupo, de solidariedade e entreajuda; fomentar sentimentos de respeito pelo outro, permitindo que a criança tenha abertura para a diversidade e valorização de diferenças sociais, culturais, intelectuais e físicas; envolver a criança nos projectos, estimulando a sua participação ativa; colaborar estreitamente com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo da criança; e colaborar de forma eficaz no despiste precoce de qualquer inadaptação ou deficiência assegurando o seu encaminhamento adequado².

² Retirado do Projeto Educativo de Estabelecimento

1.1.2 Relação com a família e comunidade

No que diz respeito à relação com a família, a instituição acha esta interação e envolvimento recíproco fundamental no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança. Para que esse envolvimento aconteça a instituição cria as melhores condições, devendo o mesmo ser feito de forma ativa, através de uma comunicação pautada pela procura de um sentido comum, respeito mútuo e desejo de negociar com todos os membros da comunidade educativa.

No que concerne à relação com a comunidade a instituição reconhece o contributo natural e histórico do meio e considera fundamental que se criem formas de articular esforços tanto para que a criança tenha contato com o que a rodeia como para que a comunidade se mantenha informada em relação ao funcionamento da instituição.

1.1.3 Organização do Tempo e do Espaço

A instituição presta os seus serviços durante todos os dias úteis, das 7h50min às 18h30min, encerrando na segunda quinzena de agosto. O seu funcionamento integra a Componente Educativa (CE), onde as atividades são desenvolvidas pelas educadoras, e a Componente de Apoio à Família (CAF), onde as atividades são desenvolvidas pelas auxiliares de acção educativa sob a orientação e supervisão pedagógica das educadoras. (Apêndice nº 1).

Ao organizar o espaço a instituição tem em conta a harmonia, a estética, o conforto e a funcionalidade. Sendo que as salas permitem à criança o conhecimento do mundo através de uma aprendizagem ativa.

1.1.4 Equipa Educativa

Referenciando agora a equipa educativa que faz parte desta instituição esta mesma é composta pela Direcção Técnico-Pedagógica, 1 Escriturária, 6 Educadoras de Infância, 6 Auxiliares de Acção Educativa, 3 Auxiliares de Serviços Gerais e 1 Empregada de Limpeza.

A instituição pretende desenvolver trabalho cooperativo/colaborativo entre diferentes profissionais quer estejam ligados de forma direta ou não às crianças. Promovendo a troca de ideias, partilha de saberes e de experiências, criar momentos de reflexão e de debate de ideias, incentivar práticas de automação, no sentido de criar sentimento de pertença a um grupo com identidade profissional.

O objetivo do trabalho em equipa é favorecer o desenvolvimento pessoal e social de todos os elementos, aumentando o seu saber, bem-estar emocional e o seu envolvimento, tendo em vista o desenvolvimento de novas competências contribuindo para um melhor desempenho profissional.

1.1.5 Avaliação

É feita uma avaliação formativa à criança duas vezes por ano. No que concerne na valência de creche a mesma é feita através de grelhas adaptadas dos Perfis de Desenvolvimento (dos 0 aos 7 meses, dos 8 aos 17 meses e dos 18 aos 36 meses) sendo que a partir dos dois anos e meio até aos seis anos é feita através da Grelha de Avaliação COR (Child Observation Record). Posteriormente ao seu preenchimento e reflexão é realizada uma síntese que será entregue aos pais.

Para complementar estas avaliações as técnicas da instituição realizam uma vez por ano uma avaliação formal, de maneira a despistar eventuais necessidades ao nível do desenvolvimento global.

Para além destas avaliações as crianças são avaliadas informalmente através de observação direta, registos gráficos ou escritos, fotográficos, áudio e /ou vídeo de atividades, ocorrências significativas, reflexões, entre outros.

1.2 Caracterização do grupo

O estágio decorreu na sala dos 2 anos. O grupo era constituído por 18 crianças, de entre elas 9 meninas e 9 meninos.

De uma forma geral, o grupo demonstrou ser curioso, bastante afectuoso, interage muito com os adultos e gradualmente começam a interagir entre si, já com maior capacidade de aceitação do outro e da partilha de espaços, sendo um grupo “conversador” como é mencionado pela própria educadora.

Neste grupo a diferença de idades é um fator importante, evidenciando níveis de interesses e necessidades em diferentes patamares. O mesmo ainda se destaca por uma particularidade, todas as crianças entraram pela primeira vez numa creche o ano anterior.

A nível motor as crianças demonstram firmeza e segurança nos seus movimentos quer em subir pequenas estruturas, a escorregar, a sentar e levantar de diferentes apoios.

Quanto à linguagem sendo um grupo “conversador” como já foi mencionado, as crianças conseguem fazer correspondência entre palavra e significado/objecto, para além de que conseguem manter um diálogo com um adulto, pedindo e respondendo a questões.

No que concerne à sua autonomia, sendo estes um objetivo, tornando as crianças cada vez mais ativas e autónomas, as mesmas são cada vez mais exigentes nos seus desafios e nas situações em que se colocam. Todas as crianças já comem sozinhas, só necessitando por vezes de um incentivo por parte do adulto, também já arrumam a sala, lavam as mãos e os dentes praticamente sozinhas assim como se descalçam para dormir a sesta.

1.2.1 Organização do tempo e do espaço

No que diz respeito à organização do ambiente educativo nomeadamente aborda-se primeiramente a organização das rotinas. O tempo é um elemento crucial nas aprendizagens das crianças sendo por isso necessário organizá-lo da melhor maneira possível. Se se tiver uma rotina segura, que respeite os diferentes ritmos da criança esta ajudará a criança na compreensão do próprio tempo. Além de que vão tornando capazes de antever e prever os acontecimentos, transmitindo-lhes segurança e o sentimento de pertença a um grupo. Em apêndice consta a estrutura de uma rotina diária (apêndice nº 2).

Em segundo lugar aborda-se a organização do espaço, um elemento também bastante importante. É necessário fazer uma reflexão cuidada e atenta da disposição do espaço, tendo em conta a idade das crianças, as suas características e necessidades. Desta forma o espaço deve promover atividades de cariz exploratório

autónomo, potenciar a capacidade imaginativa da criança, o seu desenvolvimento afetivo e social, bem como deve ser facilitador e estimulador da comunicação e aprendizagem. Espaços de movimentação ampla, equipamentos que promovem o desafio motor, um espaço de manipulação fina e de introdução a elementos do faz de conta, livros/cartões e revistas que promovam literacia e estimulem o gosto pelos livros, um espaço de tranquilidade e recolhimento. Sendo assim a sala do grupo era bastante ampla, tendo o mínimo de obstáculos, bastante iluminado, com diferentes áreas onde as crianças poderiam explorar ou estar mais tranquilas.

A par da organização do espaço encontram-se os materiais. Estes também devem ser escolhidos por forma a desafiar a criança levando-a à exploração e segundo as características da mesma.

Além disso as crianças também deslocavam-se diversas vezes para o exterior onde também eram colocados diferentes materiais para sua exploração.

1.2.2 Estratégias utilizadas pela Educadora Cooperante

As estratégias utilizadas pela educadora têm em conta que o desenvolvimento de cada criança é único e que as intenções pedagógicas serão sempre adaptadas a cada criança.

Algumas dessas estratégias são o trabalho individualizado, a variação na forma de abordagem às atividades e os recursos utilizados, o acompanhamento das rotinas com palavras-chave e/ou canções, o incentivo à partilha e participação apostando no trabalho de grupo, promover chegadas e saídas tranquilas, o diálogo com as crianças sobre o que se vai fazer, promoção de saídas ao exterior, participação em festas com a comunidade educativa, fortalecimento da ligação com as famílias assim como das relações de afeto entre criança e adulto, promoção de espaços desafiadores e estimulantes, o apoio à criança com reforços positivos e a valorização dos momentos do brincar.

CAPÍTULO 2 – ITINERÁRIO FORMATIVO

2.1 Observação do contexto educativo

Neste ponto irei referir aspectos que me pareceram mais interessantes resultantes das minhas observações.

Resumidamente serão abordados aspectos como as rotinas diárias, as intervenções da educadora em diferentes momentos, o brincar e a exploração do exterior.

No decorrer do estágio pode-se entender que era dado bastante valor às rotinas diárias, devido ao facto de esta transmitirem primeiramente segurança às crianças que vão assimilando no decorrer dos dias as diferentes etapas da sua rotina em creche e ficando a saber o que pode acontecer bem como desenvolve progressivamente uma maior compreensão do tempo.

A rotina era feita de forma tranquila tendo em conta a criança e o seu tempo. Outro aspeto que gostava de referir e o qual acho bastante importante é a autonomia e a responsabilidade.

Tal como Gabriela Portugal afirma “As crianças necessitam de oportunidades para serem responsáveis, para fazerem escolhas significativas, para serem desafiadas e positivamente disciplinadas, mantendo intacta a sua dignidade.” (Portugal, 2011, p. 22).

A educadora dava sempre à criança a livre escolha de onde queria brincar, do que queriam fazer, mas também a responsabilidade de arrumar a sala. As crianças eram bastante autónomas indo sozinhas à casa de banho, comendo o almoço sozinhas.

2.2 Entrada progressiva na atuação prática

Nesta parte do trabalho farei constar uma breve descrição das tarefas realizadas no decorrer do estágio. As fotografias referentes às mesmas poderão ser observadas em apêndice. (apêndice nº 3)

A primeira tarefa realizada foi mais uma pequena intervenção e consistiu no visionamento de um pequeno vídeo de desenho animado acerca do dia das bruxas e a distribuição de pequenos saquinhos com alguns doces. (Apêndice 3, Figura 1 e 2)

As crianças, da parte da tarde, viram o vídeo e após o mesmo foi-lhes colocado algumas questões. O grupo identificou elementos do vídeo que se encontravam na sala assim como descreveram os disfarces das personagens e os seus, já que algumas crianças tinham naquele dia também disfarces vestidos.

A segunda tarefa realizou-se próxima do Dia Nacional do Pijama. Era uma proposta acerca das atividades que se faziam durante o dia e de noite. As estagiárias prepararam cartões com imagens de diferentes atividades assim como um sol, luas e estrelas para depois se proceder à separação das imagens. Posteriormente os cartões com imagens foram substituídos por fotografias das próprias atividades das crianças com a família. (Apêndice 3, Figura 3)

Nesta proposta teve que se optar por uma abordagem mais individualizada pois as crianças estavam a perder a concentração enquanto se encontravam em grande grupo. Fez-se uma abordagem diferente optando por pequenos grupos onde as crianças já conseguiriam fazer a divisão das imagens e relatar atividades que elas mesmas faziam de dia e de noite.

A terceira tarefa dividiu-se em dois momentos, dois dias, e estava ligada às emoções, tema escolhido pela educadora para o projeto pedagógico de grupo. No primeiro dia as crianças puderam observar imagens de crianças a sorrir e a chorar ou melhor, tristes e alegres. Em pequenos grupos fez-se a divisão com as crianças de quais é que achavam que se encontram tristes e quais é que estariam contentes, pedindo também um exemplo de quando é que se sentiria daquela forma. Foi também dado uma folha com a imagem de uma cara para que as crianças a caracterizassem com diferentes emoções. No segundo dia levou-se o cubo das emoções elaborado pelas estagiárias em que cada face continha uma emoção. As crianças lançavam o dado ao ar e era pedido para que imitassem a emoção. (Apêndice 3, Figura 4).

A última proposta que se realizou foi a construção de um autocarro em cartão.

As estagiárias notaram que as crianças tinham um certo gosto pela música do autocarro pois encontravam-se várias vezes ao dia a cantar a mesma. Era de notar que já a cantavam sozinhos complementando-a com os gestos.

Foi levado um molde de um autocarro em cartão que as crianças passaram dois dias a enfeitar e caracterizar. Foram ainda feitos uns convites, também com a

forma de autocarro, para entregar nas restantes salas para as convidar para um pequeno espectáculo que o grupo daria. Após dois dias o autocarro estava terminado. O grupo dirigiu-se então a uma sala com o autocarro como se fossem a andar no mesmo e cantaram a música do autocarro ao grupo que estava a assistir fazendo o mesmo na outra sala. (Apêndice 3, Figura 5, 6, e 7)

CAPÍTULO 3 – CONTEXTO EDUCATIVO EM JARDIM DE INFÂNCIA

3.1 Caracterização da Instituição

A instituição onde decorreu o estágio divide-se nas valências de creche e jardim de infância e encontra-se situada no concelho e distrito de Coimbra. Este estabelecimento tem como objetivo geral proporcionar às crianças um ambiente agradável, responder às suas necessidades básicas e ajudá-las a crescer, com base num trabalho cooperativo que envolve a família e a comunidade. Sendo que o desenvolvimento da criança resulta das interações desta com os diferentes ecossistemas em que se encontra inserida.

A instituição possui duas salas para cada faixa etária com muita luz natural, e um espaço exterior bastante amplo oferecendo assim às crianças conforto e bem-estar. A mesma encontra-se inserida num complexo escolar, onde existem também 1 campo de jogos, 1 biblioteca, 1 piscina, 1 salas multiusos e 2 auditórios.

3.1.1 Relação instituição pais e comunidade

A instituição preza pelo trabalho com pais sendo que o principal objetivo desta participação é fomentar a interação família/creche/jardim de infância.

E o principal objetivo do trabalho com a comunidade é promover a relação entre a creche, o jardim de infância e a comunidade.

3.1.2 Equipa Educativa

Quanto ao objetivo da Equipa Educativa é favorecer o desenvolvimento pessoal e social de todos os elementos aumentando o seu saber, bem-estar emocional e o seu envolvimento.

Importa ainda referir que a equipa educativa tem como objetivo fomentar relações com pais/encarregados de educação, que se centram em cada criança, no educando, implicando que se promova um ambiente de interação que prime pelo

diálogo, pela troca e partilha de informações, de conhecimentos e de experiências referentes à criança, criando, por sua vez, uma relação de cooperação.

3.1.3 Estruturação do tempo e do espaço

Quanto à estruturação do tempo desta instituição, a mesma encontra-se aberta todos os dias úteis, das 7h45min às 18h30min. (Apêndice nº 4)

“A distribuição do tempo relaciona-se com a organização do espaço pois a utilização do tempo depende das experiências e oportunidades educativas proporcionadas pelos espaços.” (OCEPE, p. 40)

Nesta instituição encontra-se implementado o sistema rotativo de salas. As atividades são programadas tendo em conta os espaços e as suas possibilidades. Cada conjunto de 3 salas de jardim de infância está organizado com base nas 3 grandes áreas de conteúdo definidas pelas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Tem-se então, salas destinadas a certas áreas: a sala das expressões, a sala das ciências e tecnologias e por último a sala dos cantinhos. Estas mesmas estão organizadas com materiais que fazem parte das suas áreas e por onde os grupos de crianças vão rodando ao longo do dia sob a orientação de um horário. Sendo que quando as atividades iniciadas numa sala não são terminadas, a educadora pode optar por terminá-las para onde se dirigirá em seguida ou pode continuá-las, se assim entender, no dia seguinte, quando voltar a ocupar a mesma sala.

Para além do espaço interior a instituição preza bastante pelo espaço exterior, pelo brincar ao ar livre sendo que este mesmo espaço da instituição está apetrechado de áreas, de cantos e materiais, como a cozinha de lama, a horta, o canto da motricidade e bicicletas.

3.1.4 Avaliação

No que diz respeito à avaliação esta é realizada a 3 níveis: avaliação feita com e pelas crianças; avaliação com as famílias; avaliação pela equipa educativa.

Na avaliação feita com e pelas crianças esta é encorajada a refletir e avaliar as suas aprendizagens, tomando consciência das mesmas e envolvendo-se. Então, a avaliação a este nível é realizada através de registos diversificados referentes às Áreas de Conteúdo, de conversas informais, entrevistas, debate de ideias e de assuntos, questionamento e resolução de problemas, relatos de episódios, avaliação de atividades, etc., textos livres e temáticos (individuais, pequeno e grande grupo), entres outros.

Já na avaliação com Famílias, esta assume igual importância pois os pais/Encarregados de Educação “são os responsáveis pela criança e também os seus primeiros e principais educadores (OCEPE, 1997, p.22). A avaliação a este nível será realizada através de conversas informais e formais, registos escritos, reuniões (individuais e grupo) e questionários aos pais /encarregados de educação sobre trabalho realizado.

Por último a avaliação pela Equipa Educativa consiste em “avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução” (OCEPE, 1997, p.27). Esta afirmação remete para as 6 etapas cíclicas enunciadas nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE): observar, planear, agir, avaliar, comunicar e articular. A avaliação a este nível será feita através de: observação, planeamento, registos (escrito, áudio, vídeo e/ou fotográfico), conversas informais, reuniões (entre equipa educativa de sala e equipa educativa da instituição), registo de avaliação e apreciação trimestral da criança, planos individuais de desenvolvimento (PDI), modelo de avaliação de qualidade em creche e avaliação do desempenho.³

3.2 Caracterização do Grupo

O grupo é constituído por 25 crianças, nomeadamente 9 meninas e 16 meninos, que completam, até 23 de dezembro de 2014, 5 anos de idade; 1 educadora de infância e uma auxiliar de acção educativa.

³ Retirado do Projeto Pedagógico

No que refere à caracterização do grupo o mesmo é considerado dinâmico, ativo, curioso, interessado e com bastante imaginação; revelando cada vez mais autonomia.

Envolvem-se nas brincadeiras livres, pinturas e exploração de histórias, gostam de cantar, fazer ginástica, dançar, conversar, debater assuntos, fazer jogos, explorar materiais novos e brincar no exterior.

É um grupo que ainda precisa de muito apoio do adulto para a gestão de conflitos, na partilha, no cumprimento de regras, na adoção de comportamentos socialmente aceitáveis, no tempo de concentração/envolvimento em atividades mais complexas e no momento da refeição quer na adoção de comportamentos corretos, quer no aumento da autonomia. É portanto importante investir na criação de laços, no cumprimento de regras, limites, na concentração e na afetividade.

É um grupo ativo, muito conversador, com crianças tímidas, introvertidas, com necessidades educativas especiais e desafiadoras. Estas características individuais muito diversificadas, associadas à heterogeneidade etária do grupo traduz-se em estádios de desenvolvimento, necessidades e interesses muito diversificados.

Como já foi mencionado existem crianças com necessidades educativas especiais nomeadamente 3 crianças, que estão a ter apoio da intervenção precoce, às terças-feiras e quintas-feiras, no período da manhã assim como terapia da fala e são ainda acompanhadas pela equipa de desenvolvimento do Hospital Pediátrico. Uma das crianças é seguida também no privado por uma psicóloga do desenvolvimento. Há ainda uma criança que beneficia de apoio de retaguarda da equipa do SNIPI (Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância) e está a ser acompanhada pela equipa da Pedopsiquiatria do HPC (Hospital Pediátrico de Coimbra).

Tal como qualquer grupo este tem certas áreas que merecem ser trabalhadas como a espera pela sua vez para falar, saber escutar os outros, brincar sem bater, comer com faca e garfo, falar baixo e o tempo de tarefa/concentração. Mas também se encontram áreas fortes como a iniciativa/autonomia, empatia com os espaços verdes e questões ambientais, energia, interesse pelo código escrito e a curiosidade e desejo de saber.

3.2.1 Ambiente Educativo

Para a organização do ambiente educativo é fundamental ter em conta as características de cada criança, dos grupos e a aprendizagem ativa, é fundamental a existência de atividades de exploração livre, da iniciativa da criança, e atividades dirigidas, planificadas e sugeridas pelos adultos.

Desta forma as atividades assumem as diversas formas de organização (individuais, pares, pequeno e grande grupo), de acordo com os momentos da rotina diária e dependendo da natureza da atividade a realizar e das escolhas e interesses do grupo, não esquecendo o papel desempenhado pelo adulto.

Como já foi mencionado anteriormente na instituição está implementado o sistema rotativo de salas, e, onde as atividades são programadas tendo em conta os espaços e as suas possibilidades. Cada conjunto de três salas de JI está organizado com base nas três grandes áreas de conteúdo definidas pelas OCEPE. A organização das áreas em cada sala é flexível, podendo por isso ser alterada no decorrer do ano letivo. Encontrava-se exposta no corredor uma tabela para saber em que sala está cada grupo bem como a programação de atividades,

CAPÍTULO 4 – ITINERÁRIO FORMATIVO

4.1 Observção do contexto educativo

O estágio iniciou-se no dia 21 de janeiro sendo que a fase de observação teve a duração de 2 semanas. Durante este tempo foi tomando conhecimento das normas do estabelecimento, das rotinas diárias, o modo de trabalho da educadora cooperante, conhecendo também as crianças e as auxiliares.

4.2 Entrada Progressiva na atuação prática

Esta segunda fase teve início a 18 de fevereiro tendo, com a fase anterior, a duração de 2 semanas. A fase de observação ajudou a conhecer as crianças bem como os seus interesses e necessidades. Eu e a minha colega de estágio achamos por bem que as nossas tarefas fossem ao encontro às práticas da Educadora Cooperante para que houvesse uma continuidade do processo educativo do grupo.

Como primeira tarefa, planeada em conjunto com a Educadora Cooperante, que nos mencionou que às quartas-feiras era o dia de “floresta” e de fazer atividades de motricidade, pensámos em realizar dois jogos em grande grupo: o jogo da “Raposa e o Caçador” (Apêndice nº 5, Figura 8) e o jogo do “Camaleão”. (Apêndice nº 5, Figura 9).

Outra proposta feita foi a leitura de “A Árvore das folhas A4”. O conto da história foi feito num local que o grupo não estava habituado e, posteriormente, pretendia-se que fosse feito o grafismo, em contexto exterior. (Apêndice nº 5, Figura 10, 11 e 12)

Com a proximidade do Dia do Pai, pensámos que, cada criança pudesse escrever o nome do seu pai de uma forma diferente e divertida para, posteriormente, expormos o registo fotográfico. (Apêndice nº 5, Figura 13, 14 e 15)

Por último, como o grupo gostava de desafios e de jogos, fizemos um “Jogo do Galo” diferente do habitual, utilizando recursos naturais. (Apêndice nº 5, Figura 16, 17 e 18)

Como reflexão, penso que o grupo gostou das nossas propostas pois mostraram-se sempre entusiasmados, atentos, empenhados, motivados, e envolvidos

o que, para nós, foi bastante significativo e reconfortante para continuarmos com o nosso trabalho.

4.3 Projeto

Como última fase de estágio foi proposto a implementação de um projeto desenvolvendo-o nas suas várias etapas como a planificação, dinamização, a avaliação e a divulgação.

Esse projeto teve por base o projeto pedagógico “Brincar com um pé dentro...Brincar com um pé fora”, bem como o projeto curricular de grupo “Fora de Portas”.

Começamos por escutar as crianças, os seus desejos, dando-lhes “voz”, surgindo desta forma o nosso projeto com o nome “Casinha da Cozinha de Lama”.

O projeto “Casinha da Cozinha de Lama” foi desenvolvido em parceria com a minha colega estagiária e o seu objetivo principal foi a reestruturação de um novo espaço de acordo com os interesses das crianças e do qual pudessem retirar um maior proveito fazendo novas aprendizagens das diversas áreas.

O termo projeto, de acordo com o Dicionário Online Priberam, corresponde “Aquilo que alguém planeia ou pretende fazer”.

“A palavra projecto vem do latim “projectu” que significa “lançado” relacionando-se com o verbo latino “projectare” que quer dizer lançar para diante. (...) Assim, a palavra “projecto” está ligada à de previsão de algo que se pretende realizar e tem diversas acepções que correspondem a graus diferentes dessa previsão.” (Educação, 1998, p. 91)

Uma das características mais marcantes é o papel da criança no processo de aprendizagem, o trabalho está centrado nas crianças pois são elas que escolhem os temas, os problemas dos projectos que vão desenvolver, investigar e apresentar o produto final.

O planeamento de todo o processo e dos resultados a atingir pode e dever ser partilhado com as crianças, supondo que o educador não é a única e principal fonte de saber, mas um mediador na procura de novos conhecimentos que vai também apoiando o seu registo e sistematização.

Este papel ativo da criança confere responsabilidade e autonomia. Os conhecimentos, as experiências e os recursos são valorizados constituindo estímulos para a aquisição de novos conhecimentos. Ao longo desta participação, “as crianças são incentivadas a tomar a iniciativa e a ser responsáveis pelo trabalho que estão a desenvolver” (Katz & Chard, 2009, p.5).

“ (...) o projeto deverá corresponder a uma iniciativa das crianças, tendo como ponto de partida os seus interesses ou decorrendo de uma situação imprevista que desperta a sua curiosidade. (Educação, 1998, p. 102)

Hernández e Monserrat destacam que “o princípio da aprendizagem por descoberta, (...) por parte dos alunos é mais positiva quando emana daquilo que lhes interessa e aprendem da experiência daquilo que descobrem por si mesmas.” (1998, p. 64)

PARTE II – 5 EXPERIÊNCIAS-CHAVE

1. O BRINCAR

O brincar é uma ferramenta essencial no desenvolvimento global das crianças, estimulando-as a nível físico, cognitivo, emocional e social. É não só importante para o desenvolvimento saudável do cérebro como permite que as crianças usem a sua criatividade enquanto desenvolvem a sua imaginação, destreza e força física, cognitiva e emocional.

“ (...) o brincar é considerado um acto peculiar à infância, podendo ser observado em todas as raças e culturas, a partir dos primeiros meses de vida da criança... (...) A impressão que passa é que num piscar de olhos, durante a brincadeira, a criança é capaz de criar um mundo completamente singular e real. Nesse mundo é permitido à criança desempenhar os mais diversos papéis, sem dificuldades e restrições. (...) No brincar é permitido ao indivíduo expressar acções e pensamentos que não são aceites pelas regras sociais.” (Hummel Fernandes, 2002) citado por (Rigolet, 2006, p. 13)

Brincar faz parte do ser criança, sendo a atividade mais séria no seu crescer, com um forte e intenso contributo no desenvolvimento e aprendizagens que ocorrem ao longo da infância. Foi o que pode observar no decorrer do meu estágio, era dado à criança a liberdade de brincar onde quisesse, com o que quisesse. Muitas vezes as crianças podiam brincar tanto no interior como no exterior devido à ligação que existia da sala para o exterior, estando sempre presente um adulto nos dois espaços. As crianças ainda podiam levar brinquedos da sala para o exterior como bonecos e livros e existia brinquedos que eram transportados para o exterior, como carrinhos, triciclos.

De acordo com Piaget (Piaget, 1995) o brincar é visto como o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança tornando-se, por isso, indispensável à prática educativa. Através do brincar as crianças podem criar e explorar um mundo que elas dominem, ultrapassando os seus medos e desenvolvendo novas competências que levam ao aumento da sua confiança e resiliência, competências estas que serão bastante úteis para que possam enfrentar desafios no futuro.

Como refere Ferland (Ferland, 2005) “brincar é um admirável motor de desenvolvimento da criança.” Considera, ainda, que o brincar contempla um

conjunto de atividades caracterizadas pela diversão e pelo prazer, que se perpetuam de geração em geração. Ao brincar a criança aprende as regras, os valores e os costumes que regem o seu ambiente, ou seja, descobre o mundo em que vive.

Em diversos momentos observei crianças a fazerem as suas próprias descobertas, a tentar resolver conflitos com os colegas antes de chamar o adulto e a ultrapassarem medos sozinhos, com a ajuda de outras crianças ou com o auxílio do adulto. Todos estes acontecimentos sucederam-se durante o brincar e pode-se notar o sentimento de alegria quando a criança consegue ultrapassar um conflito, um obstáculo sozinha e continuar na sua brincadeira.

Brincar é, antes de mais, descobrir o ambiente que envolve a criança. Durante a brincadeira a criança tem a oportunidade de descobrir e determinar os limites do seu corpo. Ao manipular os diversos objetos a criança experimenta as várias possibilidades dos mesmos e usa-os de todas as formas possíveis. Neste sentido, a criança desenvolve aptidões e atitudes que empregará em diversas situações do seu quotidiano, tendo assim a brincadeira um papel de simulação e de preparação da criança para a vida real.

“A criança brinca para viver e sobreviver, para lembrar e compreender, para aprender e aceitar as leis deste mundo infundável, brincando por prazer ou necessidade, sozinha, com o outro, em qualquer lugar, a qualquer momento, com qualquer coisa ou sem nada, simplesmente por existir e ser criança.” (Rigolet, 2006, p. 22).

Durante o brincar a criança experimenta um sentimento de controlo sobre o ambiente e as próprias ações. Uma vez que não são necessárias regras e métodos para a condução da brincadeira, a criança tem liberdade para definir sozinha qual o tema, o início, o desenvolvimento e o fim da mesma. Deste modo, brincar proporciona um sentimento de poder e controlo num mundo concebido para os adultos, o que faz com que se torne uma fonte de gratificação e um fator estimulante da sua autoestima.

À medida que a brincadeira se vai desenrolando a criança utiliza os seus recursos pessoais para encontrar soluções, para ultrapassar os obstáculos que vão aparecendo. A criança desenvolve, assim, uma capacidade para resolver problemas que contribui também para este sentimento de controlo do ambiente e que pode ser aplicado a diversas situações da vida quotidiana.

Por fim, brincar é, antes de mais, sentir prazer. Esta sensação de prazer está associada a certas características da própria brincadeira como a novidade, a incerteza e o desafio.

De acordo com Ferland (2005) o brincar livre diz respeito ao tipo de brincar onde a criança decide sem indicações o que fazer com os objetos. Este tipo de brincar estimula o desenvolvimento da criatividade, imaginação e fantasia da criança. Podem, ainda, ser apontados outros benefícios que o brincar livre pode trazer para a criança, sendo eles a negociação de conflitos, a resolução de problemas, o autocontrolo, o crescimento sócio emocional, a persistência, a resiliência e a colaboração. No brincar livre as crianças podem usar o material da forma e com o fim que pretenderem, criando atividades inovadoras. Uma experiência de brincar livre estimula mais o pensamento criativo da criança em comparação com o brincar estruturado.

O brincar é assim um ato instintivo do ser humano, como processo de aprendizagem, experimentação e desenvolvimento.

2. EDUCAÇÃO EXPERIENCIAL

A educação experimental foi desenvolvida com contributos de psicólogos humanistas, os quais difundiram uma corrente psicológica que propunha que, para entendermos o que se passa com os outros, e até connosco próprios, dever-se-ia adotar uma atitude experiencial, ou seja, posicionarmo-nos no lugar do outro e tentar-se sentir o que ele está a vivenciar. (Ferre Laevers, 1997, p. 15)

Primeiramente esta corrente foi aplicada à relação entre terapeuta e cliente e só mais tarde adotaram os seus princípios, transferindo-os e adotando-os para o contexto educacional. É desta forma que se vê a sua aplicação à relação professor/aluno e assiste-se à criação da educação experiencial, em conjunto com outros contributos importantes, como o conceito de interação humana.

A prática experiencial baseia-se na possibilidade do educador satisfazer todo o tipo de necessidades que as várias crianças apresentam, de respeito, de atenção, de segurança, de afeto, de afirmação, de valorização, de clareza e de compreensão, entre outros. O alicerce desta atitude é, de facto, a experiência da criança. (Ferre Laevers, 1997)

Esta atitude concretiza-se na forma como o educador se posiciona no contexto da criança, estando atento a todas as variáveis como fortes potenciadores de desenvolvimento. Compreendendo todas as mudanças intrínsecas ao crescimento e desenvolvimento, o papel do educador deverá basear-se num apoio emocional permanente, transmitindo compreensão, conforto e sentimento de segurança e pertença à criança.

Durante as observações de estágio pode observar que quando uma criança começava a chorar, fosse porque motivo, a educadora tentava primeiramente dialogar com a criança, perceber o que se passava e o que podia fazer para a confortar.

Neste sentido, é fulcral que o adulto mantenha uma postura de abertura, apostando nas relações empáticas, na partilha de sentimentos e ideias e no diálogo genuíno.

A educadora da sala preocupava-se com o bem-estar emocional da criança. Centrando-se em cada uma nos momentos de chegada, recebendo-a com particular atenção e com muito carinho e alegria. Fazia com que as crianças se sentissem

seguras quando os pais os deixavam na creche. Apoiando a criança e as famílias no processo de separação e a valorizar o encontro.

Existem três categorias de comportamentos que espelham a postura de um educador experiencial - a estimulação, a sensibilidade e a autonomia. A estimulação percebe-se na forma como o adulto introduz uma atividade, a informação que disponibiliza e a ação que desenvolve para a incentivar. Quanto à sensibilidade trata-se da forma como o adulto responde às necessidades da criança, ao nível de respeito, atenção e segurança mas também afeto e compreensão. Por último, a autonomia, que se reflete na liberdade que o adulto oferece à criança, quer na escolha das atividades, quer no respeito pelos seus trabalhos e contribuições no grupo.

Na Educação Experiencial propõe-se ainda a reflexão acerca do Bem-Estar e Implicação do grupo e de cada criança. O bem-estar emocional relaciona-se com o sentimento de segurança e de à vontade com que a criança se move no contexto, uma criança com altos níveis de bem-estar emocional, está bem consigo própria e vê as suas necessidades satisfeitas e reconhecidas. Por outro lado, a implicação diz respeito à mobilização da energia da criança e da aplicação da sua motivação e concentração em atividades/momentos que se traduzem em altos níveis de satisfação e prazer/fruição. Uma criança implicada apresenta portanto altos níveis de bem-estar emocional, uma vez que a verdadeira implicação da criança está dependente da sensação de conforto que o contexto lhe proporciona. Estas duas variáveis processuais são critérios-chave e a sua combinação fornece elementos determinantes para conduzir, orientar e readaptar, se for caso disso, a ação educativa.

3. ESPAÇOS EXTERIORES

No estágio que foi realizado no contexto em JI o espaço exterior era bastante privilegiado. Posso garantir que nós (estagiárias) e o grupo de estágio passávamos a maior parte do tempo no exterior, fizesse sol ou chuva pois afinal de contas não existe mau tempo existem roupas desadequadas.

Para além das vantagens óbvias para a saúde e bem-estar das crianças, a principal razão de ser do tempo ao ar livre é o permitir às crianças que ponham em prática as suas ideias e descobertas, fora da sala de atividades.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) o espaço exterior é um espaço educativo, sendo visto como um prolongamento do espaço interior. É um espaço com diversas potencialidades e oportunidades educativas e, por isso, merece a mesma atenção do educador que o espaço interior (Ministério da Educação, 1997).

Além disso é mais descontraído, menos intenso e mais espontâneo, algumas das crianças que noutras ocasiões demonstravam ser sossegadas, abrem-se durante o tempo ao ar livre, falando e trabalhando com outras crianças mais livremente do que no interior. (Hohmann, Banet, & Weikart, p. 130)

Sempre que se realizava uma atividade no exterior era de notável a atenção, a implicação das crianças na mesma e pensar-se-ia que não seria o caso devido ao número de distrações que podem haver.

Segundo Hohmann, Banet e Weikart, é no exterior que há mais espaço e menos barreiras, o desempenho de papéis ao ar livre é normalmente mais barulhento, mais livre e mais móvel do que o desempenho de papéis dentro de casa. As crianças aproveitam o que quer que encontrem.

Durante o tempo ao ar livre com o grupo este aproveitava para explorar fosse na horta ou a explorar as suas capacidades físicas no canto da motricidade. Muitas vezes chamavam o adulto para contar as suas descobertas demonstrando-se orgulhosos.

Nos períodos de atividades no exterior, as crianças não se limitam a exercitar os músculos; estão também a observar, interagir, explorar e experimentar. É a altura de correr e saltar, de realizar exercícios de equilíbrio, de fazer construções, de

descobrir a natureza, de fazer jogos dramáticos mais aventureiros e também de brincar sossegadamente com pequenos objectos. (Brickman & Taylor, 1996, p. 167)

Não só se tem assistido a uma mudança no tempo reservado para brincar como também a uma mudança no espaço físico onde decorrem estas brincadeiras.

O espaço exterior da instituição encontrava-se apetrechado de materiais, de locais para a exploração e brincadeiras. Era um local de bastante importância até porque as próprias famílias o ajudaram a preencher, e encontrava-se em contante mudança, evolução.

A criança sem experienciar situações como o encontro com crianças num espaço livre, onde se brinca com a terra e água, se inventam jogos, se vivem aventuras que são inerentes ao jogo espontâneo, acaba por revelar menos capacidade de defesa e adaptabilidade a novas circunstâncias.

Uma vez por semana era natural haver uma ida à floresta, um espaço próximo da instituição, onde as crianças entram em contato com a natureza. Correm livremente pois já sabem os limites e não os trespassam.

O grupo explora, trepa troncos e durante os tempos mais quentes desloca-se ao pequeno ribeiro que ali passa, mexendo na água, brincando com lama, molhando-se e demonstrando felicidade.

As crianças beneficiam a nível físico, emocional, mental e espiritual, ao mesmo tempo que brincar no exterior promove o amor e o respeito pela natureza, o que fomenta um espírito ecológico, consciência de cidadania, e dando sentido à tão recomendada sustentabilidade.

Ao brincar no exterior a criança tem acesso a um conjunto de experiências ricas e multissensoriais, tem oportunidade para desenvolver um brincar fisicamente ativo, barulhento e vigoroso, de experienciar situações de desafio e de risco inerentes ao brincar, contactar com superfícies ásperas e irregulares que permitem o desenvolvimento de noções como o equilíbrio e a coordenação, e ainda a oportunidade de ter contacto com vários elementos da natureza com os quais a criança pode brincar, explorando-os e manipulando-os dando-lhes o fim pretendido.

No exterior o grupo encontrava-se em constante interação com outras crianças de diferentes faixas etárias, demonstrando um papel de protecção perante as mais novas.

Em suma, o exterior é um espaço que se encontra extremamente adequado para atender às necessidades das crianças nas várias construções de jogo. Quer o exterior, quer o interior oferecem condições para que a criança desenvolva competências a nível físico, mas é no exterior que esta encontra mais opções e oportunidades, por exemplo, de saltar por cima de troncos, trepar árvores, correr e explorar distâncias maiores

O espaço exterior não pode ser entendido como um local onde as crianças simplesmente correm e caem, falam alto, se sujam, brincam com água, lama e areia; este deve ser considerado como uma extensão do espaço interior (Hanvey, 2010), no que toca a perspetivar “aprendizagens”.

4. ABORDAGEM DE PROJETO

Na presente experiência-chave irei descrever a implementação e gestão do projeto “Casinha da Cozinha de Lama” realizado por mim, pela minha colega e pelo grupo dos 5 anos A.

Como já foi mencionado anteriormente este projeto teve por base o projeto pedagógico bem como o projeto curricular de grupo.

O projeto “Casinha da Cozinha de Lama” teve como seu objetivo principal a reestruturação de um novo espaço de acordo com os interesses das crianças e do qual pudessem retirar um maior proveito fazendo novas aprendizagens.

Para impulsionarmos o início concreto do projeto reunimos o grupo na manta e conversámos com eles acerca dos espaços que mais gostavam na escola, no final chegamos à conclusão que o exterior era o local favorito de todos. Questionámo-los que espaços, áreas, cantinhos faltavam então no exterior e como era de prever obtivemos inúmeras respostas, desde uma casinha de bonecas, um jardim zoológico, um espaço com dinossauros, escorregas, planetas, passagens secretas, um laboratório, uma casinha da cozinha de lama porque já tinham a cozinha de lama e faltava o resto das divisões, entre muitas outras ideias.

Após esta discussão de ideias, achámos por bem fazer uma negociação /votação com o grupo, ou seja, expusemos todas as ideias referidas por eles e, nós, estagiárias, dissemos que de todas apenas poderíamos concretizar uma, para isso teria de se fazer uma votação onde ganhava o que fosse mais votado. (Apêndice nº 6, Figura 19)

“Casinha da Cozinha de Lama” foi a ideia mais votada de todo o grupo, o que causou uma grande excitação por parte de todas as crianças pois era um espaço que eles já tinham pedido diversas vezes e só agora iria tornar-se real.

Seguidamente questionámos o grupo onde poderíamos construir a “Casinha da Cozinha de Lama” e que divisões teria, ao qual as crianças responderam que teria de estar perto da cozinha de lama e que teria de ter um quarto, uma sala e um escritório.

Com todas estas dicas das crianças, resolveu-se reestruturar uma antiga capela, visto que a única utilidade que tinha era de arrumações e era um local que

satisfazia todas as nossas necessidades, tais como, ser coberto e espaçoso e estar próximo à cozinha de lama. (Apêndice nº 6, Figura 20 e 21)

Depois das divisões escolhidas e com o local decidido para o projeto, em conversa com o grupo decidiu-se que cada criança iria desenhar uma das divisões à sua escolha (Apêndice nº 6, Figura 22 e 23).

Nós (estagiárias) colocámos mais um desafio ao grupo, que, foi de fácil e rápida resposta. Se já tínhamos a noção das diferentes divisões que queríamos, então faltava a parte da construção, ao que as crianças referiram que se poderiam fazer pesquisas, sobre a mesma (Apêndice nº 6, Figura 24).

Após efetuadas as pesquisas, foi em grupo que se decidiu que o quarto proposto seria de relaxamento.

Realizou-se também um levantamento sobre os objetos necessários chegando à conclusão com o grupo de que não haveria tempo para se poder concretizar todos os que se pretendiam. Pelo que decidiu-se organizar as ideias em três cartolinas, nas quais se definiam as prioridades com as crianças. (Apêndice nº6, Figura 25, 26 e 27)

Regularmente existe um dia da semana onde se explora a sala das ciências e tecnologias, as quintas-feiras à tarde. Este dia passou a ser designado pelo grupo como a Quinta das Experiências. Visto o mesmo pretender a construção de um escritório com mesa de laboratório, a sala das ciências era o local privilegiado para a elaboração de diferentes práticas. Assim realizámos, com o grupo, uma experiência demonstrativa da erupção de um vulcão. (Apêndice nº6, Figura 31 a 38)

Desde cedo, o grupo mostrou o interesse por conhecer e experimentar então, foi acordado que o escritório teria um livro intitulado “O Livro dos Cientistas”, onde as crianças poderiam observar, pesquisar e rever as experiências já concretizadas. Teria também uma banca que servia de apoio para a realização das diferentes práticas.

Com o desenrolar do projeto, foi mencionado ao grupo que, teriam de se organizar todos os pensamentos até então referidos. Foi, então, proposto que se elaborasse uma teia de ideias. (Apêndice nº6, Figura 39 a 42)

No seguimento do projeto, e na opinião das crianças, as paredes da capela precisavam de mais alegria. Assim, com o nosso auxílio, cada uma fez uma pesquisa

sobre as possíveis decorações. Surge então uma proposta da elaboração de um quadro dando início à sua própria obra de arte. (Apêndice nº6, Figura 43, 44 e 45)

Seguiram-se outras experiências como, a da explosão de cores, sendo esta elaborada com leite, detergente e corantes alimentares (Apêndice nº6, Figura 46 a 49); e a da lâmpada de lava, nesta o grupo optou por criar algo com bolhas. Pelo que, se descobriu, que bastava uma pastilha efervescente, corante e óleo para satisfazer o pedido. (Apêndice nº6, Figura 50 a 54)

Surgiu outro desafio, sendo proposto que as crianças construíssem um jogo lúdico relativo à matemática, para depois se proceder à prática do mesmo. (Apêndice nº6, Figura 55 e 56)

Dentro deste seguimento relativamente à matemática seguiu-se o geoplano. (Apêndice nº6, Figura 57, 58 e 59)

Voltando para a banca das ciências lembrou-se que era necessário encontrar elementos naturais. Aproveitou-se então a ida à floresta para o efeito, o grupo apanhou folhas, pedras e, até mesmo, bichos para decoração do espaço.

Como a imaginação das crianças não pára, as mesmas lembraram-se que se podiam construir uma estufa para poderem observar o crescimento das plantas e ainda com um extra a construção de uma terrário. Neste último existiam diferentes animais encontrados pelas crianças. Ambos serviriam de decoração para o escritório, para a área das ciências. (Apêndice nº6, Figura 60 a 65)

O escritório serviu também para aprendizagem, desta vez com as letras. O principal material, nesta atividade eram os brinquedos que cada criança trazia de casa e que tinha que colocar na caixa, identificando a letra inicial do mesmo e a que caixa correspondia

Como o quarto era de relaxamento, lembraram-se que não podiam faltar as almofadas. Com a nossa ajuda, coloriram fronhas de diversas cores com tintas (Apêndice nº6, Figura 66 a 69). E ainda pensaram em colocar algo que desse som. Em diálogo com o grupo, optamos por construir um espanta espíritos constituído por conchas e tampas. (Apêndice nº6, Figura 70, 71 e 72)

Para se saber que aquele projeto, tinha sido da autoria deles, elaborou-se um quadro feito com um lençol onde se colocaram as fotos das caras de cada criança ao qual cada um teve como desafio desenhar o seu próprio corpo.

Estando quase na reta final da nossa passagem pela instituição, foi solicitado aos pais, que estivessem ligados à área das ciências, que também participassem no projeto dos filhos, realizando uma experiência com o grupo dos cinco anos A.

Ao longo do decorrer do projeto, eu e a minha colega elaborámos planificações diárias e respetivas documentações. As planificações foram preparadas semanalmente, consoante aquilo que as crianças queriam fazer e como queriam fazer.

Para ir avaliando o processo com as crianças foram sendo feitos registos para que elas nos fossem dando o seu parecer, o seu feedback, acerca do decorrer do projeto, e a sua opinião das tarefas. Estes registos eram do agrado das crianças, pois por diversas vezes eram elas quem nos solicitava para que fosse feito.

Como resultado final, pode-se observar a capela como um espaço confortável, onde as crianças poderão fazer diversas brincadeiras e ao mesmo tempo aprender, num lugar que antes servia só como um espaço de arrumos. (Apêndice nº6, Figura 73 a 76).

Ao longo do projeto optámos pelo trabalho em pequenos grupos. O trabalho entre pares e em pequenos grupos proporciona oportunidades às crianças de confrontarem os seus pontos de vista, colaborando na resolução de problemas ou dificuldades encontradas numa atividade comum. Para além do trabalho em pequenos grupos, proporcionámos também momentos em grande grupo.

Para finalizarmos o projeto procedemos à divulgação, que teve como objetivo ajudar as crianças a fazerem uma síntese daquilo que aprenderam. Para esta fase fomos cedido um placar onde foi exposto todas as fases do projeto. Desta forma as crianças tiveram a oportunidade de partilharem as suas experiências, dando a conhecer aos pais e restante comunidade todo o seu trabalho. (Apêndice nº6, Figura 77, 78 e 79)

5. ABORDAGEM DE MOSAICO (ESTUDO)

5.1 – Enquadramento conceptual

Esta abordagem foi criada por Alison Clark e Peter Moss, como uma metodologia para escutar crianças pequenas. Embora as crianças sejam dependentes dos adultos, estas possuem uma voz própria que deverá ser tida em conta envolvendo-se no diálogo democrático e nos processos de tomada de decisão.

A abordagem de mosaico é uma forma de escuta que reconhece as crianças como co construtoras de significados e especialistas da sua própria vida. A escuta, como afirmam Clark e Moss (2011), não é um processo que está limitado à palavra falada. A escuta é um processo que está aberto a inúmeras maneiras criativas de as crianças se expressarem. A abordagem de mosaico permite que, até as crianças mais pequenas, possam partilhar as suas ideias e pensamentos com os/as adultos/as através de formas que não impliquem a linguagem verbal, como o desenho e a fotografia.

Esta abordagem foi inspirada na documentação pedagógica de Carlina Rinaldi e desenvolvida nos J.I. da cidade de Reggio Emília, em Itália. É uma metodologia que se caracteriza, essencialmente, por escutar e reconhecer as crianças e os adultos (equipa educativa, pais, entre outros) como co construtores de significados. Para melhor compreensão desta ideia, Clark e Moss (2005) enumeram quatro princípios que esta abordagem defende: 1) crianças como especialistas das suas próprias vidas; 2) crianças jovens como hábeis comunicadores; 3) crianças jovens como detentores de direitos; 4) crianças pequenas como fabricantes de significado.

A Abordagem de Mosaico é integrada e combina o visual com o verbal, dando às crianças a oportunidade de terem voz nas mudanças do seu J.I. (Clark & Moss, 2005). Clark e Moss (2005) caracterizam este método como sendo participativo, adaptável, reflexivo incorporado na prática e um multi-método.

-Participativo significa que trata as crianças como peritos e agentes da sua própria vida.

-Adaptável está relacionado com o facto de os profissionais terem a liberdade de adaptarem a metodologia consoante o grupo de crianças.

-Reflexivo envolve crianças e adultos onde, em conjunto, participem na reflexão e na interpretação das perspetivas infantis. Este processo passa por quatro etapas fundamentais, sendo estas: o ouvir, observar, documentar e interpretar. Assim, inclui-se as crianças, como co construtoras de significado, e os pais e os/as educadores/as, como aqueles que auxiliam, não necessitando assim de saber todas as respostas.

-Incorporado na prática dá importância às opiniões das crianças, sendo estas consideradas ferramentas de trabalho para o(a) educador(a).

Por último, o multi-método que reconhece as diferentes “vozes” ou linguagens das crianças, ou seja, recorre-se a vários métodos para recolha de informação não só à linguagem verbal mas também às brincadeiras, às ações e às formas simbólicas, entre elas, a fotografia, o desenho, entre outras.

Sendo uma abordagem multi-método utiliza vários métodos, como referi anteriormente, para uma melhor compreensão da vida das crianças, sendo eles a fotografia/vídeo, os passeios/circuitos, os mapas, as reuniões, as dramatizações, as entrevistas/conversas, a documentação e observação e, por último, o tapete mágico.

Para uma melhor compreensão destes métodos irei explicar a funcionalidade de cada um.

Fotografia/vídeo onde as crianças fotografam o que consideram mais relevante em função da temática abordada.

Passeios/circuitos que consiste na exploração do espaço (instituição) através de um passeio realizado e guiado pelas próprias crianças, a que se associam os registos fotográficos, áudio ou outros.

Mapas que proporcionam o registo visual do contexto escolar às crianças e dá a oportunidade de discutirem e refletirem sobre as suas experiências, interesses e prioridades. Se a criança fotografou a mesma coisa, várias vezes, deve-se dar oportunidade, que ela selecione as mesmas segundo a sua importância na inclusão dos mapas.

Reuniões que consistem numa conversa em ambiente familiar, em que o adulto deve ser sensível, flexível e organizado na gestão do tempo de escuta. Estas conversas devem ser feitas em grupo para se discutir opiniões e partilhar informações.

Dramatizações baseiam-se na representação, introduzindo pequenas figuras do jogo e de outros equipamentos. Realizam-se, nomeadamente, com crianças de idade inferior a dois anos.

Entrevistas/conversas são feitas com as crianças, os pais/encarregados de educação, educadores (as) e auxiliares para conhecer as perspetivas das crianças. Num momento de conversa informal, as crianças falam sobre a sua vida no jardim de Infância, focando-se em pessoas, espaços e atividades importantes.

Observação e documentação que consistem em conhecer e registar as ideias das crianças e realizar uma observação qualitativa dos acontecimentos. Recorre-se a registos e comentários acerca da experiência por meio de fotos, murais, vídeos e variados meios de comunicação e de representação. Este método é essencial, pois reforça que a criança tem voz ativa.

Por último, o tapete mágico que é um espaço de observação e reflexão sobre os momentos mais marcantes desta abordagem para as crianças. Assim, possibilita-se às crianças a oportunidade de verem, comentarem e integrarem os elementos da pesquisa. É um meio mais facilitador para identificarem os seus sinais de conforto e de desconforto, isto aplica-se às crianças verbais e não-verbais.

5.2 – Objetivos do estudo

O principal objetivo do presente estudo foi conceder “voz” às crianças, procurando conhecer o que pensam sobre as suas experiências e vivências no JI, dando oportunidade para que se expressassem de várias formas. Foi, também, investigado o papel que o JI tem nas suas vidas sendo, estas, inquiridas sobre o papel das crianças e dos adultos no mesmo.

5.3 – Escolha dos Participantes

Este processo foi um pouco complicado, visto as crianças não mostrarem grande interesse em participar e também por termos um grande projeto em mãos. Por esta razão, eu e a minha colega tivemos uma conversa com a educadora onde explicámos o que teríamos de fazer com as crianças para este estudo. Na sua opinião, o mais correto seria que o realizássemos com poucas crianças para que ninguém saísse prejudicado no final.

Em reunião com o grande grupo, apenas, duas crianças se mostraram totalmente disponíveis. Com todos em concordância, a nossa abordagem de mosaico apenas teve como enfoque duas crianças.

Além das crianças que participaram, também os membros da equipa educativa presentes em sala (uma educadora e uma auxiliar), assim como os pais das duas crianças em estudo, cooperaram de modo a conseguirmos realizar a triangulação de informação.

5.4 - Fase de recolha, reflexão e tratamento de dados

Para a realização deste estudo foram utilizados alguns métodos já referenciados anteriormente, sendo eles fotografias e/ou vídeos, passeios/circuitos, mapas, reuniões, documentação e observação, entrevistas/conversas, e tapete mágico.

Após os intervenientes estarem inteirados sobre a abordagem de mosaico, em que o papel do adulto é ouvir as crianças para entender, melhor, os seus pontos de vista, passámos à realização das conversas individualizadas com A e M onde colocámos algumas questões. (Apêndice nº7)

O momento dos circuitos realizou-se de forma individualizada com as duas crianças em estudo para que fosse possível fazer um registo mais detalhado. Cada criança escolheu, livremente, o percurso que gostaria de fazer e para que fosse entendido o nosso propósito solicitámos que nos fizessem uma vista guiada ao JI, como se nós nunca tivéssemos tido contacto com a instituição. Durante todo o percurso tinham ao seu dispor uma máquina fotográfica, pela qual tinham de ser responsáveis e tirar fotografias a tudo o que desejassem, podendo fazer todos os comentários e observações que quisessem as quais foram por nós registadas.

No final do momento dos circuitos imprimimos todas as fotografias que as crianças tiraram. Estas foram posteriormente utilizadas para outros dois momentos: a classificação de fotografias e a escolha das favoritas para colar nos seus mapas. Nestes momentos o A e a M falaram sobre os espaços que mais gostavam ou menos, sobre os colegas com quem brincavam mais, sobre os adultos, e justificavam as suas escolhas, o que nos permitiu uma melhor recolha de dados.

No entanto foram também realizadas conversas/entrevistas com a educadora, com a auxiliar e com os pais das duas crianças, o que nos permitiu saber as suas

opiniões relativamente às perspetivas de A e M sobre o JI o que nos poderia acrescentar conhecimento ou esclarecer situações que fossem menos claras. (Apêndice nº8)

Com o conjunto de toda a informação e de forma a concluir esta etapa as duas crianças realizaram a manta mágica para que todos pudessem observar que as crianças também têm uma palavra a dizer sobre o JI. É importante referir que tudo foi feito com a maior das confidencialidades não sendo exposta qualquer identificação da criança assim como do seu encarregado de educação.

Para a nossa manta mágica ficar mais apelativa, resolvemos fazer um pouco diferente do habitual, optámos em conjunto, por utilizar duas caixas de cartão, uma sobreposta na outra, cada uma pertencia a uma criança onde esta colou cartolinas nas suas faces de diversas cores e cada cor pertencia a uma fase do estudo. (Apêndice nº 9, Figura 80)

5.5 – Apresentação dos resultados

Numa segunda fase onde o tratamento de dados é crucial pois toda a informação recolhida é organizada, seleccionada e reflectida, este mesmo tratamento tornou-se um processo contínuo, realizado em cada fase do estudo.

Existem dois procedimentos essenciais a ter em atenção durante uma investigação de cariz qualitativo: a categorização e a triangulação. A categorização permite ao/à investigador/a agrupar a informação tendo em conta características semelhantes dos dados. A triangulação dos dados envolve confrontar os dados obtidos dos diferentes intervenientes, permitindo combinar os dados e as informações recolhidas e perceber que respostas aparentemente contraditórias que muitas vezes obtemos das crianças, não o são.

Para a realização da categorização, elaborámos uma tabela, na qual apresentamos uma lista de categorias e subcategorias. Estas foram surgindo através das respostas das entrevistas. (Apêndice nº 10)

Optámos por uma tabela dividida em categorias e subcategorias porque ao analisar os dados demos conta da existência de quatro grandes categorias: interações,

mudanças, espaço interior e espaço exterior, no qual cada uma se subdivide em duas subcategorias.

Na categoria das interações todos os intervenientes referiram que A e M gostavam do JI porque tinham amigos para brincar, as crianças identificaram os amigos com que gostavam mais de brincar e que brincadeiras faziam.

Relativamente às mudanças, as crianças salientaram que há espaços que poderiam ser melhorados e também se poderia recriar novos espaços, sendo que primeiramente a criança M referenciou que “a escola era perfeita como estava” porém depois ao pensar melhor surgiram diversas ideias como “lojas para vendermos roupa, assim tínhamos sempre roupa nova”.

No que diz respeito ao espaço interior, todas as partes em concordância salientaram a sala dos cantinhos como a preferida das crianças e a criança A referiu a sala das expressões como a sala que menos gosta.

Por último o espaço exterior foi, por todos os intervenientes, eleito como o preferido das crianças, pois ali estas poderiam brincar livremente. A floresta foi o espaço a que deram mais ênfase, principalmente a criança A pois para ela um dia bom no JI é quando pode lá ir.

5.6 – Conclusão do estudo

O principal objetivo deste estudo foi perceber quais as perspetivas que as crianças tinham acerca do JI.

Deste estudo conseguimos perceber que o espaço exterior do JI era o mais apreciado pelas crianças, esta preferência era também notória nas conversas informais com eles.

Em suma, o JI é visto, na perspetiva das crianças, como um espaço ligado à brincadeira mas também à aprendizagem, como disse uma criança “Aqui na escola brincamos a sério”. Relativamente a estas duas crianças com as quais o estudo foi realizado conclui-se que ambas têm uma perspetiva idêntica acerca do JI.

CONCLUSÃO

Neste ponto reflete-se sobre a ação desenvolvida durante a nossa prática nos dois contextos de estágio. A finalização destes denotou imensa importância na formação profissional e, também pessoal. Este momento da formação permitiu-nos observar, experimentar, refletir na ação educativa

Nos dois contextos as educadoras cooperantes mostraram-se disponíveis, críticas e reflexivas perante as nossas fragilidades e potencialidades ao longo do estágio. Com estas foi possível organizar experiências de aprendizagem que valorizassem a ação da criança e que contribuíssem para a construção de significados.

Ao longo desta jornada compreendemos que ser educadora é respeitar a criança, os seus interesses e necessidades, saber escutá-la e torná-la autónoma. Ser educadora é definitivamente um desafio, pois tem que considerar vários aspetos, nomeadamente a valorização do espaço, do ambiente, as interações, as experiências de aprendizagem, entre outras.

Os momentos de diálogo foram fulcrais ao longo dos estágios pois, para além das crianças se sentirem valorizadas e ampliarem o seu vocabulário, estes momentos ajudavam-nos a perceber como a criança construía o seu conhecimento, interesses, motivações, desejos e quais as conceções que tinha sobre o mundo.

Outro item importante foi a planificação. Esta apresenta-se como uma ferramenta essencial, nos dois contextos, pois orientou-nos na tarefa de criar atividades que fossem ao encontro das necessidades e interesses das crianças.

As experiências de aprendizagem propostas centravam-se numa pedagogia de participação das crianças, visando valorizar as suas opiniões. Só assim, a criança era interpretada como agente ativo na construção do seu conhecimento. Para tal, foi necessário da nossa parte, apresentar uma atitude reflexiva para com as crianças, dando primazia ao nosso papel de mediador nas aprendizagens das crianças.

No decorrer do nosso estágio, fomos refletindo sobre as estratégias que levariam as crianças a realizar aprendizagens significativas, tendo em conta os seus interesses e necessidades. Este facto levou-nos a encarar a prática de forma observadora e reflexiva, criando estratégias que permitissem as crianças desenvolver experiências de aprendizagens.

Os estágios decorridos nos dois contextos deu-nos a possibilidade de valorizar a partilha de saberes e experiências, assim como o trabalho de equipa entre educadoras cooperantes e supervisores de estágio como base para o enriquecimento profissional.

Sei que existe ainda um longo caminho a percorrer, descobrir-me enquanto educadora, e vários objetivos para alcançar mas espero que durante o mesmo o meu objetivo principal seja sempre cumprido: desenvolver nas crianças o desejo de explorar, aprender a brincar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bilton, H. (2010). *Outdoor Learning in the Early Years: Management and Innovation*. Routledge.
- Clark, A. & Moss, P. (2005). *Spaces to play: more listening to young children using the mosaic approach*. London: National Children's Bureau.
- Clark, A. e Moss, P. (2011). *Listening to Young Children*. ncb: London.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica, Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento de Educação Pré-escolar
- Ministério da Educação (1998). *Qualidade e Projeto na Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica, Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar.
- Ferland, F. (2005). *Vamos brincar? Na infância e ao longo de toda a vida*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ferre Laevers, P. V. (1997). *Pour une approche expérientielle au niveau préscolaire*. Belgique: Centre pour un Enseignement Expérientiel.
- Hohmann, M., Banet, B., & Weikart, D. P. (s.d.). *A criança em acção*. (R. M. Macedo, & R. S. Brito, Trans.) Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.
- Piaget, J. (1995). *A psicologia da criança*. Porto: Edições ASA.

Portugal, G. (2011). Educar em Creche - o Primado das Relações. *Perspectivar Educação*, pp. 17-24.

Rigolet, S. A. (2006). *Reestruturar a Casinha: Um projeto Transdisciplinar*. Porto: Porto Editora.

APÊNDICES

Apêndice nº 1 – Distribuição horária das componente CE e CAF

CAF	CE
7h50 – 9h: Acolhimento (desenvolvido por Auxiliares da Ação Educativa)	9h – 11h45: Atividades na sala (sob orientação da educadora)
13h – 15h: Período de descanso	11h -13h: Higiene e almoço
17h – 18h30: Saídas (desenvolvidas pelas Auxiliares de Ação Educativa)	15h – 16h: Lanche e higiene
	16h – 17h: Atividades na sala (sob o orientação da educadora)

Apêndice nº 2 – Estruturação da rotina diária

Hora	Atividade	Descrição
7H50 – 9H00	Acolhimento	As crianças são recebidas na sala de acolhimento;
9h00- 9h45	Acolhimento do Grupo com canção do Bom Dia Pequeno lanche	Na manta em grupo, damos os bons dias e conversamos com todos; Fruta / Pão / Água ;
9h45– 11h00	Propostas educativas	Organizadas de acordo com o tipo de atividade (propostas pelo educador ou momentos de escolha livre);
11h00 – 11h30	Higiene	Lavagem de mãos e rosto, troca de fraldas;
11h30 – 13h00	Almoço Higiene/ Preparação para a sesta	No refeitório, as crianças são apoiadas e incentivadas pelos adultos a serem mais autónomos e seguros; Depois do almoço, segue-se a higiene, com a lavagem das mãos e cara e escovagem dos dentes;
13h00 – 15h00	Momento de Descanso	Momento de descanso. À medida que vão acordando, são incentivadas a levantar-se calmamente e a dirigir-se para a sala de atividades;
15h00 – 16h15	Higiene Lanche Higiene	Lavagem de mãos e rosto, troca de fraldas; No refeitório, as crianças são apoiadas e incentivadas pelos adultos a serem mais autónomos e seguros; Lavagem de mãos e rosto;
16h15- 17h00	Propostas educativas	Organizadas de acordo com o tipo de atividade (propostas pelo educador ou momentos de escolha livre);
17h00 – 18h30	Saídas (período de CAF) Reforço alimentar	Na sala de acolhimento; Água, bolachas/ pão.

Apêndice nº 3 – Tarefas Pontuais em contexto de creche



Figura 1 – Atividade do Dia das Bruxas



Figura 2 – Atividade do Dia das Bruxas



Figura 3 – Atividade “O dia e a noite”



Figura 4 – Atividade “As emoções”



Figura 5 – Atividade “O autocarro” (pintura)



Figura 6 – Atividade “O autocarro” (colagem)



Figura 7 – Atividade “O autocarro” (resultado Final)

Apêndice nº 4 – Estruturação do tempo na instituição

Horas	Atividade
7h45m – 9h	Acolhimento
9h – 12h	Atividades em sala: grande grupo, pequeno, pares e individual
12h – 15h30m	Atividades de rotina diária: higiene, almoço, sono e lanche.
15h30m – 17h30m	Atividades em sala: grande grupo, pequeno, pares e individual
17h30m – 18h	Atividades em grande grupo
18h – 18h30m	Extensão do horário

Apêndice n.º 5 – Tarefas pontuais em contexto J.I.



Figura 8 – Jogo “Raposa e do Caçador”

Descrição do Jogo da “Raposa e do Caçador”

Sendo dia da motricidade optou-se por um jogo ligada a esta mesma área.

Reuniu-se o grupo no campo questionando-lhes se conheciam ou se já tinham jogado o jogo, ao qual eles responderam que não e então fez-se uma breve explicação. Dividiu-se o grande grupo em dois pequenos grupos em que um representava os caçadores e outro as raposas, para diferenciar utilizaram-se lenços para colocar agarrados as calças daqueles que iriam ser as raposas. As raposas colocaram-se de um lado do campo e os caçadores do outro ao sinal de partida tinham de se movimentar pelo espaço, as raposas teriam de fugir dos caçadores caso estes as caçassem teriam de ficar sentadas no mesmo sítio em que foram caçadas.

Após a primeira jogada os grupos trocaram para que todos pudessem jogar dos dois lados.

No final, reunimos o grupo para que eles nos dessem a sua opinião acerca do jogo, o feedback foi positivo pois eles responderam positivamente e mostraram-se bastante contentes e interessados em jogar novamente.



Figura 9 – Jogo do “Camaleão”

Descrição do Jogo do “Camaleão”

Este jogo realizou-se no mesmo dia do jogo anterior, visto as crianças nos pedirem para que lhes ensinássemos mais um jogo.

Reuniu-se o grupo no campo, fez-se uma explicação do jogo e depois de todos compreenderem uma criança dirigia-se ao centro e dizia uma cor, o restante grupo teria de correr pelo espaço e tocar nessa mesma cor, a criança que tocava primeiro seria a que de seguida iria escolher a cor.

O feedback deste jogo também foi positivo, pois as crianças estavam bastante motivadas e interessadas.



Figura 10 – Leitura da história “A Árvore das folhas A4”



Figura 11 – Recolha das folhas A4 na árvore



Figura 12 – Grafismo da história no exterior

Descrição da tarefa “A Árvore das folhas A4”

Para o enquadramento da atividade e preparação da mesma foram colocadas folhas brancas A4 numa árvore no exterior.

Posteriormente reuniu-se as crianças no exterior, no cantinho da fogueira, este foi o local escolhido porque tinham vista para aquela árvore tão especial, a árvore das folhas A4 e poderíamos estar todos confortáveis ao ar livre.

Procedeu-se, então, à leitura da história e após esta leitura fez-se uma pequena exploração desta onde as crianças recontaram as partes mais importantes da história e as fases que mais gostaram. Após este diálogo questionou-se as crianças se viam algo de diferente ao qual elas referenciam “a árvore que tinha folhas

brancas”, pedimos então que cada criança fosse retirar uma folha da árvore para fazer um grafismo da história que tinham acabado de ouvir.



Figura 13 – Preparação da atividade “Nome do meu Pai”



Figura 14 – Escrita por parte das crianças do nome do pai



Figura 15 – Trabalho final do “Nome do meu Pai”

Descrição da tarefa “Escreve o nome do pai”

Aproximando-se o Dia do Pai decidiu-se que as crianças poderiam escrever o nome do seu Pai numas folhas diferentes daquelas que estavam habituados.

Colocou-se três tabuleiros na mesa da cozinha de lama, um com farinha, outro com areia e um outro com terra, três crianças de cada vez escolheram o material onde queriam escrever e era-lhes dado um papel com o nome do pai para copiarem, no final fez-se um registo fotográfico e posteriormente foi exposto no placar para que os pais pudessem observar.



Figura 16 – Pinturas das peças do jogo do galo



Figura 17 – Algumas peças já pintadas



Figura 18 – Resultado Final

Descrição da tarefa “Reinventar o jogo do galo”

Em discussão com as crianças decidiu-se criar novas peças para o jogo do galo em vez das usuais. O grupo reuniu e decidiu-se que se fariam dois grupos de peças em que um seria constituído por joaninhas e abelhas e um outro com flores e árvores.

Para a construção destas peças foi-se procurar pedras que pudessem ser desenhadas e pintadas, e um pedaço de madeira. Seguidamente passou-se para o

processo de desenho e pintura, em que cada criança fez o seu grafismo. Após tudo estar seco, obtivemos um jogo do galo “fantástico e único”.

Apêndice nº 6 – Projeto “Casinha da Cozinha de Lama” e Planificações



Figura 19 – Negociação para o projeto



Figura 20 – Local interior da Casinha da Cozinha de Lama



Figura 21 – Local exterior da Casinha da Cozinha de Lama



Figura 22 – Grafismo das divisões da casa



Figura 23 – Grafismo das divisões da casa

Data: 12/03/2015	
Tema: “Casinha da Cozinha de Lama” Subtema: Grafismo das divisões da casa	
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Folhas • Lápis de carvão • Lápis de cor
Descrição	<p>Em conversa em grande grupo sobre o projeto as crianças enunciaram as divisões que gostariam de ter no espaço. Para dar seguimento à conversa foi dito às crianças que cada uma iria escolher uma dessas divisões para desenhar com que achava que cada uma deveria conter.</p> <p>Seguidamente as crianças distribuíram-se pelas mesas de trabalho e um elemento de cada grupo dirigiu-se à estante do grafismo para recolher o material necessário e distribui-lo pelos colegas.</p> <p>Primeiramente as crianças fizeram o desenho com lápis de carvão sendo que em seguida o coloriram. Durante esta atividade as estagiárias foram elogiando as crianças e ao mesmo tempo questionando as mesmas sobre os materiais que poderiam existir naquela divisão para além dos que se encontravam desenhados e o porquê de escolherem desenhar aqueles.</p>

Competências	<ul style="list-style-type: none">• Ser capaz de usar o desenho como meio de comunicação e expressão• Ser capaz de trabalhar autonomamente• Ser capaz de utilizar corretamente os materiais de desenho
Avaliação	<ul style="list-style-type: none">• Observação da participação direta e espontânea• Registo fotográfico• Materiais concebidos ao longo da atividade



Figura 24 – Pesquisa

Data: 18/03/2015	
Tema: “Casinha da Cozinha de Lama” Subtema: Pesquisa Livre	
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Computador • Revistas • Tesoura
Descrição	<p>Em conversa com o grupo as estagiárias colocaram a questão de como se iria fabricar e escolher as peças para o projeto, ao que as crianças responderam que se poderia fazer pesquisas no computador e em revistas de mobiliário.</p> <p>Então, em pequenos grupos, distribuíram em mesas de trabalho e iniciaram a procura em revistas recortando as peças que lhes interessava. Enquanto isto as restantes crianças, também em pequenos grupos, encontravam-se no computador com uma estagiária a realizar pesquisas para verificar de que modo se poderia fabricar e construir algumas das peças com materiais reutilizáveis.</p>

Competências	<ul style="list-style-type: none">• Ser capaz de dialogar e negociar, respeitando a opinião o outro.• Ser capaz de trabalhar em pequeno e grande grupo
Avaliação	<ul style="list-style-type: none">• Observação da participação direta e espontânea• Registo fotográfico



Figura 25 – Semáforo de ideias



Figura 26 – Semáforo de ideias



Figura 27 – Semáforo de ideias

Data: 25/03/2015	
Tema: “Casinha da Cozinha de Lama” Subtema: semáforo de ideias	
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Cartolina (verde, amarela e vermelha) • Ideias dadas pelas crianças em pedaços de papel • Cola batom
Descrição	<p>Em conversa em grande grupo mostrou-se as ideias dadas pelo mesmo ao longo dos dias e confrontamo-lo com o espaço onde o projeto seria desenvolvido e que nem todas as ideias seriam de fácil construção. As crianças compreenderam e disseram que também não seria bom ter um espaço cheio de coisas e depois que não conseguissem brincar.</p> <p>Então para fazer uma organização das ideias utilizou-se três cartolinas, verde, amarela e vermelhas, fazendo a explicação às crianças de que na cartolina verde se iria colocar as ideias fáceis de conceber, na cartolina amarela as ideias que iríamos precisar de ajuda e por fim na cartolina vermelha as ideias impossíveis, fazendo a verificação de que as crianças tinham entendido. Seguidamente as estagiárias foram lendo as ideias uma a uma e as crianças davam a sua opinião de em que cartolina se colocaria a ideia, sendo que uma criança à escolha colava a ideia na respetiva cartolina.</p>
Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Ser capaz de dialogar e negociar, respeitando a opinião o outro. • Ser capaz de trabalhar em grande grupo
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Observação da participação direta e espontânea • Registo fotográfico • Materiais concebidos ao longo da atividade



Figura 28 – Construção do vulcão



Figura 29 – Construção do vulcão



Figura 30 – Construção do vulcão



Figura 31 – Experiência do vulcão



Figura 32 – Experiência do vulcão



Figura 33 – Experiência do vulcão



Figura 34 – Experiência do vulcão



Figura 35 – Experiência do vulcão



Figura 36 – Experiência do vulcão



Figura 37 – Experiência do vulcão



Figura 38 – Experiência do vulcão

Data: 26/03/2015	
Tema: “Casinha da Cozinha de Lama”	
Subtema: Experiência do vulcão	
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Caixa de cartão • Sacos de plástico • Fita cola • Tinta acrílica verde • Pincéis • Garrafa de plástico • Papel • Massa de modelar • Água • Vinagre • Detergente • Tinta vermelha • Bicarbonato de sódio • Musgo • Cola branca
Descrição	<p>Para iniciar a atividade formou-se pequenos grupos para a construção do vulcão. Esses grupos iam trocando entre si para que todos pudessem participar. O primeiro grupo tratou da plataforma onde o vulcão seria colocado, com uma caixa de cartão revestiu-se a mesma com sacos de plástico e pintaram de verde. Em seguida outro grupo iniciou a construção do vulcão colocando pedaços de papel em redor da garrafa para que se obtivesse a forma do mesmo. O grupo seguinte revestiu o vulcão com massa de modelar. Após a massa de modelar estar seca passou-se à experiência. Em grande grupo tendo ao centro o vulcão as estagiárias fizeram a explicação de como se formava os vulcões e de como ocorriam as erupções. De seguida fez-se um registo sobre o que as crianças pensavam que iria acontecer nesta experiência. Uma a uma algumas crianças foram chamadas para colocar os ingredientes dentro do vulcão e esperou-se pela que veria a acontecer. Após a experiência fez-se um novo registo escrito e gráfico do que observaram.</p> <p>Durante a tarde o grupo visionou um documentário sobre vulcões e ao longo do qual as estagiárias iam colocando questões acerca do tema, fazendo a verificação dos seus conhecimentos.</p>
Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Ser capaz de dialogar e negociar, respeitando a opinião o outro. • Ser capaz de trabalhar em pequeno e grande grupo • Ser capaz de usar o desenho como meio de comunicação e expressão • Ser capaz de utilizar diversas formas de combinação de matérias e ingredientes

Avaliação	<ul style="list-style-type: none">• Observação da participação direta e espontânea• Registo fotográfico• Materiais concebidos ao longo da atividade
------------------	---



Figura 39 – Teia de ideias



Figura 40 – Teia de ideias



Figura 41 – Teia de ideias

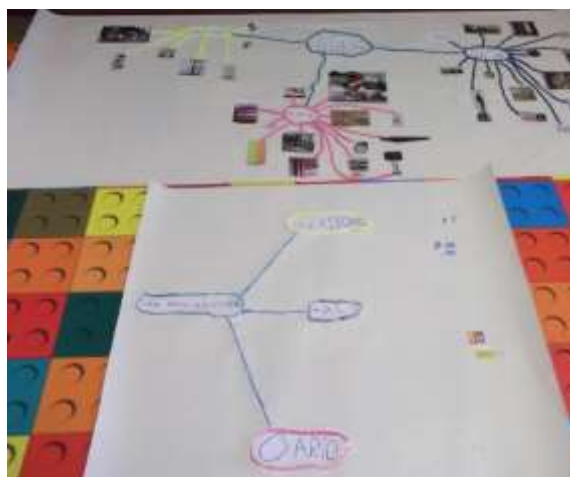


Figura 42 – Teia de ideias

Data: 8/04/2015	
Tema: “Casinha da Cozinha de Lama”	
Subtema: Teia de ideias	
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Folhas A4 • Lápis de carvão • Marcadores • Tesoura • Papel cenário • Trapilho de várias cores • Cola • Cola branca • Pincéis
Descrição	<p>Em grande grupo foi dito que teríamos de organizar as ideias de todo o nosso projeto, desde às pesquisas, aos registos e, foi então, que se falou na teia de ideias. Desde logo as crianças perguntaram o que era. Passou-se à explicação dando um exemplo sobre algo que eles adoram, a floresta.</p> <p>Primeiramente as estagiárias enunciaram as questões centrais ao grupo perguntando como gostariam de contruir a teia. De seguida algumas crianças que demonstraram vontade de participar dirigiram-se para uma mesa de trabalho onde com a ajuda de uma das estagiárias copiaram as questões principais colorindo ao seu gosto e recortando as mesmas.</p> <p>Numa segunda parte e já com outro grupo de crianças foi-se construindo a teia colando imagens como resposta às respetivas perguntas e fazendo as ligações com trapilho.</p> <p>Todo o trabalho de elaboração da teia foi realizado em pequenos grupos sempre com o auxílio de uma das estagiárias. Todas as crianças puderam participar na construção da mesma. Sendo a teia uma material da evolução do projeto a mesma será construída no decorrer dos dias.</p>
Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Ser capaz de dialogar e negociar, respeitando a opinião o outro. • Ser capaz de trabalhar em grande grupo e pequeno grupo
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Observação da participação direta e espontânea • Registo fotográfico • Materiais concebidos ao longo da atividade



Figura 43 – Pesquisa para os quadros para decoração



Figura 44 – Elaboração dos quadros



Figura 45 – Um dos resultados finais

Data: 9/04/2015	
Tema: “Casinha da Cozinha de Lama” Subtema: Quadros Mágicos	
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Computador • Cartão • Lápis de carvão • Materiais de desperdício
Descrição	Cada criança do grupo fez uma pesquisa na internet com o auxílio de uma estagiária. A pesquisa consistia na escolha de um quadro que gostariam de elaborar para o projeto. Após terem feito a escolha do quadro iriam decidir as técnicas para a construção do mesmo, desde pintura, a recorte e colagem de diversos materiais. Os quadros escolhidos foram desenhados em pequenos pedaços de cartão e seguidamente as crianças faziam usos das técnicas escolhidas.
Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Ser capaz de trabalhar em pequeno e grande grupo • Ser capaz de usar o desenho como meio de expressão e comunicação • Ser capaz de utilizar diversas formas de combinação de materiais • Ser capaz de trabalhar autonomamente • Ser capaz de ser responsável pelo material coletivo • Ser capaz de utilizar corretamente os matérias
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Observação da participação direta e espontânea • Registo fotográfico • Materiais concebidos ao longo da atividade



Figura 46 – Experiência “Explosão de Cores”



Figura 46 – Experiência “Explosão de Cores”



Figura 47 – Experiência “Explosão de Cores”



Figura 48 – Experiência “Explosão de Cores”

Data: 16/04/2015	
Tema: “Casinha da Cozinha de Lama” Subtema: Experiência Explosão de cores	
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Recipientes • Leite • Corantes alimentares • Palitos • Detergente
Descrição	Em grande grupo tendo ao centro os ingredientes fez-se um registo sobre o que as crianças pensavam que iria acontecer nesta experiência. Uma a uma algumas crianças foram chamadas para colocar os ingredientes e esperou-se pela que veria a acontecer. Após a experiência fez-se um novo registo escrito e gráfico do que observaram.
Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Ser capaz de dialogar e negociar, respeitando a opinião o outro. • Ser capaz de trabalhar em pequeno e grande grupo • Ser capaz de usar o desenho como meio de comunicação e expressão
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Observação da participação direta e espontânea • Registo fotográfico • Materiais concebidos ao longo da atividade



Figura 50 – Experiência “Lâmpada de Lava”



Figura 51 – Experiência “Lâmpada de Lava”



Figura 52 – Experiência “Lâmpada de Lava”



Figura 53 – Experiência “lâmpada de Lava”



Figura 54 – Experiência “lâmpada de Lava”

Data: 23/04/2015	
Tema: “Casinha da Cozinha de Lama” Subtema: Experiência Lâmpada de Lava	
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Recipiente • Óleo • Água • Corante alimentar • Pastilha efervescente
Descrição	Em grande grupo tendo ao centro os ingredientes fez-se um registo sobre o que as crianças pensavam que iria acontecer nesta experiência. Uma a uma algumas crianças foram chamadas para colocar os ingredientes e esperou-se pela que veria a acontecer. Após a experiência fez-se um novo registo escrito e gráfico do que observaram.
Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Ser capaz de dialogar e negociar, respeitando a opinião o outro. • Ser capaz de trabalhar em pequeno e grande grupo • Ser capaz de utilizar o desenho como meio de expressão e comunicação • Ser capaz de utilizar diversas formas de combinação de materiais/ingredientes
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Observação da participação direta e espontânea • Registo fotográfico • Materiais concebidos ao longo da atividade



Figura 55 – Jogo da soma



Figura 55 – Jogo da soma

Data: 22/04/2015	
Tema: “Casinha da Cozinha de Lama” Subtema: Jogo da Soma	
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Rolos de papelão • Tampa de cartão • Cola branca • Trapilho • Tintas • Pinceis • Tesoura
Descrição	<p>No exterior em grande grupo foi explicado quer seria feito um jogo da soma questionando-lhes se sabiam o que era a soma.</p> <p>Como não poderiam estar todos ao mesmo tempo a fazer o mesmo fizeram pares de trabalho. As crianças enfeitaram livremente os rolos e a caixa de cartão com trapilho de várias cores e tintas. As crianças foram trocando entre si sempre que desejassem chamando sempre dois colegas para os substituir.</p>
Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Ser capaz de dialogar e negociar, respeitando a opinião o outro. • Ser capaz de trabalhar em pequeno e grande grupo • Ser capaz de utilizar diversas formas de combinação de matérias • Ser capaz de utilizar corretamente os materiais

Avaliação	<ul style="list-style-type: none">• Observação da participação direta e espontânea• Registo fotográfico• Materiais concebidos ao longo da atividade
------------------	---



Figura 57 - Geoplano



Figura 58 - Geoplano



Figura 59 - Geoplano

Data: 22/04/2015	
Tema: “Casinha da Cozinha de Lama” Subtema: Geoplano	
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Rodelas de troncos • Pregos • Martelo • Elásticos
Descrição	<p>No exterior foi dito ao grupo que se iria construir um geoplano para poderem brincar no exterior com o mesmo.</p> <p>Com a supervisão de uma das estagiárias uma a uma as crianças foram pregando pregos em linha reta nas rodelas de troncos de madeira. Quando terminado juntou-se novamente o grande grupo para ver o resultado final e elaborar as regras para a utilização do jogo. As crianças foram dando as suas opiniões do que achavam que seria o mais correto chegando a um consenso. Por fim deixou-se as crianças usufruíram do jogo construindo figuras geométricas e letras</p>
Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Ser capaz de dialogar e negociar, respeitando a opinião o outro. • Ser capaz de trabalhar em pequeno e grande grupo • Ser capaz de explorar/manipular diferentes materiais • Ser capaz de aceitar e compreender as regras do jogo
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Observação da participação direta e espontânea • Registo fotográfico • Materiais concebidos ao longo da atividade



Figura 60 – Estufa e terrário



Figura 61 – Estufa e Terrário



Figura 62 – Preparação da estufa



Figura 63 - Estufa



Figura 64 - Estufa



Figura 65 – Terrário

Data: 29/04/2015	
Tema: “Casinha da Cozinha de Lama” Subtema: Estufa e Terrário	
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Garrafas de plásticos • Garrafões de plástico • Tintas • Pincéis • Cordel • Terra • Sementes • Água
Descrição	Utilizando a técnica da pintura as crianças em pequenos grupos decoraram garrafas e garrafões com formas geométricas. Após estarem secos construíram uma estufa com as várias garrafas fazendo passar o cordel por buracos feitos nas extremidades da garrafa. Seguidamente colocaram terra e sementes regando-as com água. Ao mesmo tempo construiu-se o terrário colocando terra nos garrafões e mais tarde as crianças trariam os animais para colocarem.
Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Ser capaz de dialogar e negociar, respeitando a opinião o outro. • Ser capaz de trabalhar em pequeno e grande grupo
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Observação da participação • Registo fotográfico • Materiais concebidos ao longo da atividade

Data: 6/05/2015



Figura 66 – Almofadas tingidas



Figura 67 – Almofadas tingidas



Figura 68 – Almofadas tingidas



Figura 69 – Almofadas tingidas

Tema: “Casinha da Cozinha de Lama” Subtema: Almofadas Tingidas	
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Fronhas de almofadas • Recipientes • Tintas • Água
Descrição	<p>Em grande grupo lembrou-se às crianças que uma das coisas que eles tinham falado para o projeto eram almofadas coloridas. Então explicou-se a técnica do tingir e perguntou-se quem queria ajudar.</p> <p>Com a ajuda das estagiárias as crianças deram nós nas fronhas e mergulharam-nas nos vários recipientes, onde cada uma teria uma cor. Após estarem secas desfizeram-se os nós e em grande grupo observou-se o resultado final.</p>
Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Ser capaz de trabalhar autonomamente • Ser capaz de explorar diferentes materiais (cores)
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Observação da participação • Registo fotográfico • Materiais concebidos ao longo da atividade



Figura 70 – Pintura de conchas para o espanta espíritos



Figura 71 – Pintura de conchas para o espanta espíritos



Figura 72 – Espanta espíritos

Data: 07/05/2015	
Tema: “Casinha da Cozinha de Lama” Subtema: Espanta espíritos	
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Conchas • Tintas • Pincéis • Fio de pesca • Cana de bambu • Berbequim
Descrição	Utilizando a técnica da pintura as crianças em pequenos grupos decoraram conchas a seu gosto. Depois de secas as estagiárias com o uso de um berbequim fizeram um furo em cada concha fazendo passar o fio de pesca colocando na cana de bambu
Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Ser capaz de trabalhar em pequeno grupo • Ser capaz de trabalhar autonomamente • Ser capaz de ser responsável pelo material • Ser capaz de utilizar corretamente os materiais
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Observação da participação • Registo fotográfico • Materiais concebidos ao longo da atividade



Figura 73 – Quarto relaxante



Figura 74 – Quarto relaxante



Figura 75 – Banca das ciências



Figura 76 - Escritório



Figura 77 - Divulgação



Figura 78 – Livro de opiniões



Figura 79 - Divulgação

Apêndice nº7 – Abordagem Mosaico (Entrevistas às crianças)

1. O que é um dia bom no Jardim de Infância? Porquê?
2. O que é um dia mau no Jardim de Infância? Porquê?
3. Qual ou quais os espaços que mais gostas? Porquê?
4. Qual ou quais o espaços que menos gostas? Porquê?
5. O que sentes quando te encontras esses espaços?
6. Com quem costumas brincar?
7. Que brincadeiras costumas fazer?
8. Farias alguma modificação nos espaços? Quais?
9. Que espaços novos gostarias de criar ou ter?

Apêndice nº8 – Entrevistas aos adultos

Entrevista aos Pais

1. O seu filho(a) gosta de ir ao jardim de infância?

2. Sabe qual ou quais os espaços que o seu filho(a) mais frequenta na instituição? Se sim, porquê?

3. Qual ou quais as brincadeiras que pensa que o seu filho(a) realiza nesse mesmos espaços? E com quem?

4. E qual ou quais os espaços que menos frequenta? Porquê?

5. Na sua opinião e segundo a do seu educando, modificaria ou (re)criava um espaço na instituição? Se sim, qual? Porquê?

Entrevista Educadora

1. Sente que as crianças gostam de ir ao jardim de infância?
2. Sabe qual ou quais os espaços que as crianças mais frequentam na instituição? Se sim, porquê?
3. Qual ou quais as brincadeiras que pensa que realizam nesses mesmos espaços?
4. E qual ou quais os espaços que menos frequentam? Porquê?
5. Na sua opinião, modificaria ou (re)criava um espaço na instituição? Se sim, qual? Porquê?

Apêndice nº9 – Manta Mágica



Figura 80 – Manta Mágica

Apêndice nº 10 – Tabela de Categorias e sub-categorização

Categorias	Sub Categorias	Comentários
Interações	Brincar	<p>“Gosto de brincar para aprender coisas novas” (M)</p> <p>“Gosto de brincar na rua, há tantas coisas que se pode fazer”. (A)</p>
	Amigos	<p>“Gosto de ter amigos para brincar e gosto que eles me façam felizes...palhaçadas”. (M)</p> <p>“Gosto de ajudar os meus amigos e de lhes emprestar coisas”. (A)</p>
Espaço Interior	Sala dos Cantinhos	<p>“Gosto da sala dos cantinhos porque tem muita coisa para brincar”. (M)</p> <p>“Gosto da sala dos cantinhos, sinto-me feliz” (A)</p>
	Sala das Expressões	<p>“A sala das expressões não tem muita coisa para brincar por isso não gosto muito”. (A)</p> <p>“A sala das expressões é onde trabalhamos mais” (M)</p>
Espaço Exterior	Floresta	“Um dia bom para mim é quando vou à floresta e levo brinquedos da praia” (A)
	Cozinha de Lama	<p>“Gosto da cozinha de lama e fazemos muitas brincadeiras” (A)</p> <p>“A cozinha de lama tem muitas coisas para brincar, eu gosto muito” (M)</p>
Mudanças	Criação de novos espaços	<p>“Queria um laboratório com experiências” (A)</p> <p>“Gostava de ter uma loja de roupa” (M)</p>